

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

SILVANA DOS SANTOS

AULAS DE CAMPO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO-
APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

Nova Venécia - ES

2021

SILVANA DOS SANTOS

AULAS DE CAMPO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO-
APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Nova Venécia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador. Prof. Dr. Jaime Bernardo Neto

Nova Venécia - ES

2021

Valmir Oliveira de Aguiar CRB-566-0 ES

S237a Santos, Silvana dos

Aulas de campo e sua contribuição ao ensino-aprendizagem em geografia / Silvana dos Santos. – Nova Venécia, ES: IFES, 2021.

61 f.: il. 30 cm

Orientador: Jaime Bernardo Neto.

Monografia (Graduação) – Instituto Federal do Espírito Santo, Coordenadoria de Graduação em Licenciatura plena em Geografia, 2021.

1. Geografia - ensino. 2. Aulas de campo. 3. Estratégias de aprendizagem. I. Jaime Bernardo Neto. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 22: 907

SILVANA DOS SANTOS

**AULAS DE CAMPO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO- APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal do Espírito Santo campus Nova Venécia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Bernardo Neto

Aprovada em 16 de setembro de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Dr. Jaime Bernardo Neto

Orientador

Professora Dra. Ariadna Pereira Siqueira Effgen

Instituto Federal do Espírito Santo

Membro

Professor Me. Hedeone Heidmam da Silva

Instituto Federal do Espírito Santo

Membro

AGRADECIMENTOS

Á Deus, por ser a minha esperança, força e proteção nos momentos mais difíceis de minha vida.

Ao meu esposo e meu amado filho, pela paciência, compreensão e incentivo quando mais precisei.

Aos meus pais e minha irmã, pelo apoio gigantesco, e aos meus amigos, pelo apoio e palavras de conforto e sabedoria.

Aos professores e orientadores, pelo excelente suporte educacional que me proporcionaram.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar a contribuição das aulas de campo no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, com ênfase em seu papel potencial em promover a contextualização dos temas, conceitos e teorias abordados. O trabalho é fruto de uma pesquisa exploratória e qualitativa. A primeira parte do trabalho, que consiste em seu referencial teórico, discorre sobre o que é a Geografia enquanto ciência, suas especificidades, sua identidade no espaço-tempo acadêmico, sobre a importância da contextualização para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia e os possíveis caminhos para sua efetivação, com ênfase na reflexão sobre a importância das aulas de campo nesse processo. A segunda parte do trabalho consiste em uma abordagem empírica sobre o tema, por meio de questionários/entrevistas aplicados a estudantes e ex-estudantes de graduação em Geografia e professores da educação básica com a intenção de, a partir de suas percepções e experiências, ampliar nossa compreensão sobre o papel das aulas de campo no ensino-aprendizagem em Geografia. Concluímos, pelos resultados obtidos, que as aulas de campo têm de fato grande potencial em fomentar a contextualização de temas e conceitos estudados, sendo capaz de intervir positivamente no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes quando bem planejadas e efetuadas.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Contextualização. Ensino-aprendizagem. Aulas de Campo.

ABSTRACT

The general objective of this work is to analyze the contribution of field classes in the teaching-learning process in Geography, with an emphasis on their potential role in promoting the contextualization of the themes, concepts and theories discussed. The work is the result of exploratory and qualitative research. The first part of the work, which consists of its theoretical framework, discusses what Geography as a science is, its specificities, its identity in the academic space-time, the importance of contextualization for the teaching-learning process in Geography and the possible paths for its realization, with an emphasis on reflection on the importance of field classes in this process. The second part of the work consists of an empirical approach to the subject, through questionnaires/interviews applied to undergraduate students and former students in Geography and basic education teachers with the intention of, based on their perceptions and experiences, expand our understanding of the role of field classes in teaching-learning in Geography. We conclude, based on the results obtained, that field classes have great potential to promote the contextualization of themes and concepts studied, being able to positively intervene in the students' teaching-learning process when well planned and carried out.

KEYWORDS: Geography. Contextualization. Teaching-learning. Field Classes.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Realização de aulas de campo entre os professores entrevistados... 44
- Gráfico 2:** Posicionamento dos professores sobre a importância da realização de aulas de campo para os estudantes..... 45
- Gráfico 3:** Principais dificuldades encontradas para a realização das aulas de campo..... 46

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1:** Aulas de campo que foram citadas pelos entrevistados e que foram promovidas pelo curso..... 43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 OBJETIVOS.....	10
2.1 Objetivo geral.....	10
2.2 Objetivos específicos.....	10
3 METODOLOGIA.....	11
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4.1 O que é a Geografia e por que seu ensino é relevante?	13
4.2 A importância da contextualização no ensino da Geografia.....	15
4.3 A contextualização no ensino da Geografia: a importância da dialética entre o local e o global na abordagem docente.....	21
4.4 A aula de campo no ensino da Geografia.....	26
5 RECURSOS.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
7 REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho almeja tratar sobre a importância das aulas de campo enquanto instrumento de contextualização dos conteúdos curriculares da disciplina de Geografia, entendendo que uma abordagem contextualizada é aquela que busca basear-se em saberes que os estudantes já possuem em função de sua vivência, de seu dia a dia, para facilitar a aprendizagem dos conteúdos dessa disciplina, uma vez que muitos estudantes tendem a apresentar dificuldades em compreender conceitos e teorias sem os devidos exemplos empíricos de seu conhecimento, presentes em seu cotidiano.

Deste modo, como o demonstra uma série de autores como Libâneo (2014) e Freire (2005), através da contextualização no ensino é possível, por meio de vivências dos próprios estudantes, auxiliá-los na compreensão de assuntos mais complexos e, por consequência, levá-los a construir um melhor entendimento dessa própria realidade cotidiana.

A escolha do tema surgiu por meio da própria experiência com aulas de campo ao longo do curso de Licenciatura em Geografia, quando se tornou evidente para mim que muitos assuntos tratados pelas disciplinas poderiam ser desenvolvidos de forma prática, em campo, os quais poderiam ser assim mais facilmente compreendidos. Além disso, a experiência no estágio supervisionado, observando e analisando a rotina das aulas de Geografia na educação básica, evidenciou que o trabalho dos conteúdos apenas pelo recurso ao quadro, aos livros e às atividades escritas torna-se cansativo quando se usa essa metodologia repetidamente.

Deste modo, destaca-se que ao torna-se professor de uma disciplina tão importante para a formação do estudante (como é o caso da Geografia), é imprescindível conhecer variados recursos metodológicos, buscar por métodos inovadores e promover melhorias no ensino.

Sendo assim, a pesquisa que originou este trabalho teve por propósito a reflexão sobre em que medida a contextualização dos conteúdos apresenta-se como facilitadora no ensino-aprendizagem dos estudantes e como a aula de

campo pode contribuir para se promover essa contextualização no caso específico da Geografia.

Baseado nos estudos de Libâneo (2014) acredita-se que a educação escolar tem sido descontextualizada, desconsiderando os saberes do cotidiano dos estudantes, geralmente não reconhecidos na prática docente. Diante desta realidade, entende-se o porquê dos resultados insatisfatórios na educação brasileira, como apontam os instrumentos avaliativos do Ministério da Educação e de Organismos internacionais.

O Ministério da Educação, através das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), aponta que a contextualização e a interdisciplinaridade devem guiar o trabalho docente nas quatro áreas de conhecimento da Educação Básica (BRASIL, 2006). Sendo assim, este trabalho se justifica pelo fato de que é necessário não apenas reconhecer essa premissa, mas construir metodologias para efetivá-la na Geografia Escolar.

Esse é o cerne da discussão aqui proposta, com foco particularmente na contribuição das aulas de campo a esse processo de contextualização do ensino-aprendizagem em Geografia.

O primeiro capítulo trata do referencial teórico utilizado na pesquisa. A primeira seção, intitulada “O que é a Geografia e por que seu ensino é relevante?” aborda assuntos relacionados ao ensino dessa ciência em âmbito escolar e traz reflexões sobre importância do ensino de Geografia para o processo de formação humana e cidadã dos estudantes. A segunda seção, intitulada “A importância da contextualização no processo de ensino-aprendizado” aborda a importância da contextualização do processo de ensino-aprendizagem, premissa que consta nos documentos nacionais de Orientação Curriculares nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) há mais de vinte anos. Já a terceira seção, intitulada “a contextualização no ensino da Geografia: a importância da dialética entre o local e o global na abordagem docente”, discorre especificamente sobre importância da contextualização no ensino-aprendizagem em Geografia, incluindo algumas reflexões sobre como promover essa contextualização no caso específico dessa disciplina. Por fim, a

última seção traz algumas reflexões sobre como as aulas de campo podem contribuir nesse processo de contextualização dos conteúdos da Geografia.

O último capítulo, por sua vez, trata especificamente da importância das aulas de campo no ensino-aprendizado em Geografia, destacando seu papel no processo de contextualização e sua ludicidade, em uma análise empírica feita a partir de entrevistas com estudantes e ex-estudantes do curso de licenciatura em Geografia do IFES-Nova Venécia e também de entrevistas com docentes que atuam na rede pública de ensino de Nova Venécia e Região.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a contribuição das aulas de campo no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, com ênfase em seu papel potencial de contextualização dos conteúdos abordados.

2.2 Objetivos Específicos

- Discorrer sobre o que é a Geografia enquanto ciência, suas especificidades, sua identidade no espaço-tempo acadêmico/científico.
- Compreender a importância da contextualização para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia e os possíveis caminhos para sua efetivação;
- Refletir sobre a importância das aulas de campo em seu processo de construção do conhecimento em Geografia, particularmente sobre seu papel na contextualização dos conteúdos.

3 METODOLOGIA

Para este trabalho, nosso primeiro passo consistiu em uma revisão teórica sobre o assunto, por meio de algumas referências bibliográficas, como artigos científicos, livros, revistas e outras publicações, para assim compreender e embasar o tema norteador da pesquisa.

De acordo com Fonseca (2002, p.32):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p.32).

Em observância aos escritos de Rodrigues (2006, p. 90), destaca-se que “muitas vezes, por não ter clareza sobre um determinado problema, o pesquisador vale-se inicialmente desse tipo de pesquisa [...]. Alguns autores a veem como um estudo inicial para a realização de outro tipo de pesquisa”. A partir disso, compreende-se a importância do desenvolvimento da pesquisa bibliográfica para este trabalho.

Classifica-se a presente pesquisa como básica e qualitativa, pois conforme observa Gil (2010, p.25), este tipo de pesquisa procura responder perguntas na intenção de ampliar o conhecimento, sendo motivado pela curiosidade, que pode assim contribuir para ampliar o conhecimento e os debates sobre o tema.

Em sua dimensão empírica, com intuito principal de confirmar a hipótese levantada e esclarecer o problema de pesquisa, desenvolveu-se um questionário, composto por algumas perguntas relacionadas à importância e a experiência de estudantes e egressos do IFES com as aulas de campo. Desenvolveu-se também um questionário sobre esta mesma temática para alguns professores de algumas instituições de ensino da região (Nova Venécia,

São Gabriel da Palha, Boa Esperança, Conceição da Barra e Vila Pavão). Destaca-se que o questionário, as perguntas e as respostas encontram-se na parte de anexos deste respectivo trabalho.

Aos estudantes, aplicou-se uma entrevista semiestruturada composta por sete tópicos relativos ao tema “Aulas de Campo e sua Contribuição ao Ensino-Aprendizagem em Geografia”, a qual foi feita por meio eletrônico, predominantemente de forma assíncrona (por meio de gravações), isso é, via Whatsapp, tendo em vista as restrições sanitárias decorrentes da pandemia Coronavírus (Covid-19), doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, ao longo do período de realização desta pesquisa.

Em relação aos professores da rede pública, destaca-se que o desenvolvimento da pesquisa ocorreu no mesmo formato dos estudantes e ex-estudantes, isso é, aplicou-se também entrevista semiestruturada composta por sete tópicos relativos ao tema “Aulas de Campo e sua Contribuição ao Ensino-Aprendizagem em Geografia”, também aplicada por meio eletrônico, predominantemente de forma assíncrona (por meio de gravações), pelas mesmas razões previamente expostas.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 O que é a geografia e por que seu ensino é relevante?

Almeja-se aqui, através do posicionamento de alguns teóricos sobre o assunto, compreender o que é a Geografia e tratar da importância do ensino desta ciência.

Deste modo, pode-se destacar que a Geografia contribui com o processo de formação do conhecimento sobre o planeta em seus diversos aspectos, além de também fomentar a formação de cidadãos conscientes, o que requer a compreensão de aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais do mundo contemporâneo:

Para Carneiro:

O potencial de contribuição da geografia à educação escolar decorre da sua própria natureza, como ciência que trata dos elementos naturais e humanos em sua configuração espacial, em vista de uma explicitação relacional-interativa da construção do mundo pelo homem. Assim, a Geografia busca apreender os eventos humanos em sua dinâmica de espacialidade: onde ocorrem, como ocorrem e por que ocorrem na concretude de lugar e mundo. Portanto, a leitura geográfica da realidade não se restringe à descrição localizada dos elementos naturais e efeitos da ação humana, mas analisa as inter-relações entre os elementos em diversas escalas segundo objetivos de um estudo (local, regional e inter ou supranacional), sob critérios de apreensão dos determinantes histórico-sociais das diversas organizações espaciais identificadas (CARNEIRO, 1993, p.10).

Compreende-se então que o ensino dessa ciência em âmbito escolar é de extrema importância para o processo de formação humana e cidadã dos estudantes, pois a educação geográfica é capaz de contribuir de forma efetiva com o desenvolvimento atitudinal dos indivíduos. Este aspecto se evidencia por meio de alguns posicionamentos valorativos que os estudantes podem incorporar ao seu repertório de atitudes e que se configuram, basicamente, nos seguintes termos, conforme apresenta Pinchemel (1982, p.12):

- O interesse do estudante em observar o meio que está estudando e/ou no qual vive e convive; sensibilidade perceptiva quanto aos problemas ambientais, principalmente sob o ponto de vista ecológico; percepção estética e respeito para com a paisagem natural;

- Admiração avaliativa do poder de interferência transformativa e criadora que o homem exerce sobre o meio e a paisagem;
- Conscientização quanto às desigualdades de uso e valorização dos espaços, no contexto dos problemas sociais de ordem político-econômica;
- Valorização dos procedimentos de investigação e estudos geográficos segundo uma metodologia específica, coerente tanto com a objetividade científica quanto com a problemática sociocultural e político-econômica do momento histórico.

Baseado nos estudos de Carneiro (1993, p. 10), observa-se que a Geografia é a ciência que trata sobre os elementos naturais e humanos em sua configuração espacial. Todavia, compreende-se que esta ciência vai além da mera descrição dos elementos fixos do espaço geográfico, como conhecimentos sobre os nomes de países, suas capitais, dados populacionais, moeda, religião etc. Seu propósito, de fato, é ampliar a compreensão das dinâmicas no espaço geográfico, sua gênese e seus processos atuais, como por exemplo, a dinâmica da transformação dos espaços na cidade, a lógica da produção agrária, a distribuição dos movimentos sociais, as dinâmicas geomorfológicas da superfície da Terra, dentre outros (PENA, 2021, p.1).

Neste sentido, torna-se relevante destacar que:

A importância da educação geográfica, como a de qualquer dimensão curricular, decorre fundamentalmente da concepção de cidadão que uma sociedade se propõe como referencial de orientação ao processo educativo escolar (CARNEIRO, 1993, p.1).

Neste sentido, evidencia-se o papel desta disciplina em cooperar com a formação de cidadãos conscientes, responsáveis e participativos ante seus contextos espaciais. Diante disso, destaca-se também que a efetividade da educação geográfica exige uma metodologia de ensino que supere definitivamente as práticas de um ensino livresco, focada em nomenclaturas, com predomínio da fala expositiva do professor e, sobretudo, do papel passivo por parte do estudante – aquilo que Freire (2005) chama de educação bancária. Sobre esta questão, destaca-se o posicionamento de Freire (2005, p.68), o qual afirma que:

A concepção bancária de educação nega o diálogo, à medida que na prática pedagógica prevalecem poucas palavras, já que o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados.

É justamente neste sentido que se destaca a necessidade do desenvolvimento de abordagem contextualizada, na qual o professor busque na realidade concreta e imediata de cada sujeito escolar, do seu ambiente comunitário, de sua experiência de vida, alternativas de concretização de um projeto de trabalho que possa ser vivenciado como referencial para situar-se e atuar no mundo (CARNEIRO, 1993, p.17).

4.2 A contextualização no ensino-aprendizagem escolar

As diretrizes da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN (1996) e do PCNEM (2000) defendem o uso da contextualização como uma forma de vincular o conhecimento à sua origem e à sua aplicação. Estes documentos defendem que a educação deve focar na obtenção de conhecimentos para uso cotidiano mediante a contextualização desses conteúdos, que tem potencialidade para permitir as conexões entre os diversos conceitos científicos e ainda tem como eixo central o valorizar os saberes prévios dos estudantes (BRASIL, 2000) e (BRASIL, 1996).

A ideia subjacente à proposta dos PCNs (1997), conforme aponta Silva (2009), é de os estudantes apresentam maior interesse e melhor desempenho quando o professor consegue contextualizar o conteúdo abordado, alinhando-o com a realidade social e cultural desses estudantes.

Conforme os PCNs de (1997), um dos problemas do ensino tradicional têm sido a falta de significado dos conteúdos aos estudantes e a valorização da excessiva memorização e repetição dos conceitos de forma descontextualizada que dificulta sua compreensão.

Observa-se que a preocupação com a contextualização do processo de ensino-aprendizagem está presente nos documentos nacionais de Orientação

Curriculares nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) há mais de vinte anos, uma vez que em 1998 estes já traziam orientações nesse sentido, defendendo a contextualização dos conteúdos como um dos princípios pedagógicos e metodológicos fundamentais ao processo (BRASIL, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) de 2000 já ressaltavam a importância da contextualização no ensino-aprendizagem da área de geografia e suas tecnologias afirmando a necessidade de articulação dos conteúdos da Geografia escolar com o cotidiano do estudante, explicitando a relevância do uso dos conhecimentos trazidos pelo estudante da sua trajetória cultural e social no processo de ensino-aprendizagem (BRASIL, 2000). Os PCNs (2002, p.23), destacam que “O professor deve selecionar conteúdos e metodologias coerentes com as proposições educativas orientadas pelos atuais documentos legais”.

Os PCNs (2004, p.32) estabelecem que a “contextualização é um componente curricular sociocultural que aborda a necessidade de o estudante adquirir competências e habilidades em cada área do conhecimento”. Na mesma direção, afirmam que a contextualização sociocultural na Geografia permite aos estudantes a aquisição dos conceitos geográficos em articulação com os conhecimentos do seu cotidiano, inseridos na sua trajetória histórico-social (BRASIL, 2004).

De acordo com as Orientações curriculares para o Ensino Médio OCNEM de 2006, o estudante deve saber utilizar-se da Geografia de modo a resolver problemas do cotidiano que relacionado a essa ciência. E ainda afirma que a metodologia da contextualização favorece a atribuição de significados pelo estudante no processo do ensino-aprendizagem (BRASIL, 2006).

Na Resolução do CNE/CEB de 2012, por exemplo, a contextualização aparece como uma forma de integração e articulações dos conhecimentos científicos escolares previstos para cada uma das quatro áreas de conhecimento do currículo legal (BRASIL, 2012). As DCNEB de (2012), no segundo parágrafo do artigo oitavo, orientam que:

A organização do ensino em quatro áreas do conhecimento propõe a metodologia da contextualização para promover a apreensão e intervenção na realidade, visando à aprendizagem significativa (BRASIL, 2012, p.2).

De acordo com estes documentos, fica evidenciado o papel fundamental do professor como ator educacional que deverá mediar a contextualização sociocultural no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos curriculares, o que se aplica, portanto, à Geografia escolar.

Os autores Ricardo (2005) e Spinelli (2011), embasados nos referidos documentos legais, apontam que a contextualização exige do professor discutir os conteúdos de ensino usando a realidade do estudante como base empírica para compreensão de conceitos científicos e propor novos contextos para o desenvolvimento intelectual dos estudantes.

Neste sentido, destaca-se o posicionamento da BNCC, sobre a questão do ensino da Geografia:

Essa é a grande contribuição da Geografia aos alunos da Educação Básica: desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza. Para tanto, é necessário assegurar a apropriação de conceitos para o domínio do conhecimento fático (com destaque para os acontecimentos que podem ser observados e localizados no tempo e no espaço) e para o exercício da cidadania (BNCC, 2021, p. 360).

Entende-se, portanto, conforme as orientações e diretrizes do Ministério da Educação e na perspectiva dos autores aqui elencados, que é fundamental ao professor que suas práticas docentes sejam contextualizadas a partir dos saberes e experiências prévias dos estudantes. Diante disso, entende-se que a metodologia da contextualização tem como eixo conceitual principal a valorização dos saberes dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Libaneo (2014), a globalização como concebida na perspectiva neoliberal carrega uma forte tendência homogeneizadora, tendo uma inclinação

totalmente mercadológica, possuindo um caráter de padronização de produtos, trocas, formas de consumo e até mesmo de valores socioculturais, o que abrange os sistemas educacionais. De acordo com o autor:

Dentro de interesses mercadológicos em nome do desenvolvimento econômico, os organismos multilaterais influenciam reformas educativas e, no caso dos países emergentes, políticas de proteção social à pobreza e de reconhecimento da diversidade social, de modo a tornar os pobres mais produtivos. (LIBÂNEO, 2014. Pg. 1)

Sendo assim, a escola acaba por não envolver as diferentes realidades que compõem sua própria comunidade para suprir as necessidades concebidas pelo Estado sob uma perspectiva neoliberal, para a qual a educação deve ter por propósito apenas a formação de mão de obra com qualificação necessária ao desenvolvimento econômico, negligenciando completamente o papel do processo educativo na formação humana e cidadã dos sujeitos. Ante esse prisma dos órgãos governamentais e organismos internacionais em relação à educação, o currículo por eles visado tem caráter instrumental, visando resultados imediatos, e consiste em um conjunto de conteúdos considerados necessários ao mercado de trabalho.

Contrariamente a esta perspectiva neoliberal, existem, segundo Libâneo (2014), outras concepções da escola e do processo educativo, como, por exemplo, aquela segundo a qual o foco da escola deve ser o provimento de convívio e acolhimento social focado na experiência corrente e dos estudantes, na inclusão social, nos ritmos individuais de aprendizagem etc. Todavia, o autor afirma que frequentemente essa perspectiva acaba reduzindo o papel da escola ao fomento de vivências, de integração e socialização, visando formar um tipo de cidadania baseado na solidariedade e na contenção de conflitos sociais.

Uma terceira perspectiva, defendida pelo autor, é a de cunho crítico-científico, que tem por base um currículo assentado na formação cultural e científica em interconexão com as práticas socioculturais. Nesta perspectiva, considera-se que a escola recebe sujeitos em sua diversidade social e cultural

e, assim sendo, faz-se necessário ligar os conteúdos às práticas socioculturais e institucionais (e suas múltiplas relações) nas quais os estudantes estão inseridos. Sob esta perspectiva, a escola cumpre sua função social mediante a socialização do conhecimento.

Trata-se de um prisma que busca assegurar o direito à semelhança pelo provimento de uma mesma base cultural e científica e que, por outro, também trata de considerar a diferença, pois a formação cultural e científica se destina a sujeitos diferentes, com uma base sociocultural heterogênea. De acordo com o autor:

A aprendizagem escolar, portanto, deve ser um fator de ampliação das capacidades dos alunos de promover mudanças, em si e nas condições objetivas em que vivem, fundamentando-se na ética da justiça social. Para isso, trata-se de articular a formação cultural e científica com as práticas socioculturais (diferenças, valores, redes de conhecimento, etc.) de modo a promover interfaces pedagógico-didáticas entre o conhecimento teórico-científico e as formas de conhecimento local e cotidiano.

(LIBÂNEO, 2014. Pg. 8)

Diante de tal afirmação, compreende-se que a premissa defendida pelo autor valoriza os conteúdos, por isso a crítica dele à segunda perspectiva, mas observa-se que o conteúdo, conforme defendido pelo autor, necessita ser abordado de forma contextualizada. E para se obter essa contextualização, a escola e os docentes precisam reconhecer essas diferenças socioculturais entre os estudantes, e para tal precisam conhecer minimamente o contexto de vida desses sujeitos.

Coincidente com a perspectiva crítico-científica do currículo escolar, Candau (2008) fala sobre a interculturalidade, perspectiva que implica a aceitação da inter-relação entre diferentes grupos culturais e da permanente renovação das culturas, além de trabalhar a vinculação desta temática com questões de diferença e desigualdade. Partindo do pressuposto que a diferença se encontra na base dos processos educativos, a autora sugere possibilidades pedagógicas para o desenvolvimento de uma educação intercultural na escola.

A autora, assim como Libaneo (2014), demonstra que há um caráter padronizador na educação, especialmente presente no que se denomina como cultura escolar, ou seja, se observa nos sistemas públicos uma tentativa que homogeneização que ignora as diferentes realidades presentes no ambiente escolar e acadêmico, o que constitui, por consequência, uma adversidade a uma abordagem contextualizada capaz de dialogar com o cotidiano dos estudantes. Ela ressalta que deve haver a consciência da necessidade de romper com esta homogeneização e construir um projeto de escola que abarque o multiculturalismo, implicando que a homogeneização é fruto de uma escolha narrativa, de uma construção sociocultural na qual negamos e silenciemos o que não valorizamos e integramos na cultura hegemônica.

Candau (2008), explica que a perspectiva intercultural promove uma educação para o reconhecimento do "outro", para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, ressaltando que as culturas estão em contínuo processo de elaboração, de construção e reconstrução; as culturas têm raízes, mas estas não são engessadas, sendo, portanto, importante promover processos educacionais que permitam que identifiquemos e desconstruamos nossas suposições, em geral implícitas, que não nos permitem uma aproximação aberta e empática à realidade dos "outros".

De acordo com a autora, o papel do professor é construir mecanismos didáticos que correlacionem os conteúdos trabalhados e observados em sala de aula ou em uma aula de campo com as realidades dos estudantes, estabelecendo a conexão do cotidiano com o conhecimento científico a fim de valorizar as diferentes perceptivas e culturas invisíveis à visão neoliberal de educação, além de dar importância à formação crítico-histórica dos discentes:

Um primeiro aspecto a ser trabalhado, que considero de especial relevância, diz respeito a proporcionar espaços que favoreçam a tomada de consciência da construção da nossa própria identidade cultural, no plano pessoal, situando-a em relação com os processos socioculturais do contexto em que vivemos e da história do nosso país. (CANDAU, 2008, pg-25-26)

Diante de tais informações, compreende-se que a contextualização do conteúdo a ser trabalhado permite ao estudante associá-lo com sua realidade, com seus conhecimentos prévios e seus saberes próprios. Dessa forma, se desperta um maior interesse pelo assunto, assim como uma melhor compreensão.

4.3 A contextualização no ensino da Geografia: a importância da dialética entre o local e o global na abordagem docente

Como afirma Santo (2014), o ser humano, buscando satisfazer suas necessidades, sempre modificou a paisagem de alguma forma desde tempos remotos. Atualmente, os objetos artificiais estão cada vez mais presentes entre os humanos e na superfície da terra, tornando difícil encontramos uma paisagem que de fato não tenha sido modificada de alguma forma.

Nessa perspectiva vemos que o espaço geográfico é, dialeticamente, o resultado da interação entre o homem e a natureza, que se dá por meio de um conjunto de ações, de técnicas, as quais modificam a natureza e o espaço geográfico e, conseqüentemente, a própria sociedade, já que sua configuração pode viabilizar algumas ações e limitar ou mesmo impedir outras. Não existe produção que não seja produção no e do espaço, não existe produção do espaço sem o trabalho, pois o homem precisa produzir para viver e vive para produzir.

É nesse sentido que está à importância do lugar no ensino da Geografia, pois é a partir dele que o sujeito promove o entendimento do espaço geográfico, é a partir do lugar que ele questionará (ou não) a realidade que o rodeia e o mundo em que vive, entendendo sua dinamicidade:

Uma situação geográfica, ou seja, o que um lugar é num determinado momento, sempre constitui o resultado de ações de diversos elementos, que se dá em diferentes níveis. Esses elementos são

variáveis, pois mudam de significado através do tempo. (Santos, 2014, p.103)

“A história é sem fim, está sempre se refazendo”, como destaca Santo (2014, p.103):

Toda situação é, do ponto de vista estático, um resultado, e do ponto de vista dinâmico, um processo. Numa situação em movimento, os atores não têm o mesmo ritmo, movem-se segundo ritmos diversos. Portanto, se tomarmos apenas um momento, perdemos a noção do todo em movimento.

Baseado nas afirmações de Santos (2014) pode dizer que a sociedade sempre está em movimento, transformando o espaço continuamente de acordo com seus interesses diversos (muitas vezes conflitantes entre si). Por isso compreender essas transformações e as intencionalidades que as produzem é essencial. Santos (2014) ainda afirma que compreender o lugar nos exige entender seus pares dialéticos: o interno e o externo; o novo e o velho. O lugar abrange uma perene mudança, resultante da própria razão da sociedade e principalmente das inovações técnicas as quais transformam o espaço geográfico gradualmente.

É indispensável entendermos como a realidade imediata, local, funciona, mas toda essa transformação depende do entendimento da totalidade do movimento que a mantém, pois o lugar, a região, são frutos de ações internas e externas. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito que formam um contexto e atingem todas as variáveis já existentes, internas; e as novas (externas), que se vão internalizar (SANTOS 2014 p. 106).

Da mesa forma, no lugar se combinam variáveis de tempos diferentes, ou seja, ele é fruto de dinâmicas do presente e de reminiscências do passado. Cada lugar específico combina, portanto, variáveis internas com externas, do passado e do presente:

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou da rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais seja o espaço, a política, a economia, o social, o cultural. (SANTOS, 2014, p. 106).

É importante frisar, como o faz o referido autor, que a globalização acentua as diferenças e destaca as singularidades de cada lugar/região, não havendo nenhuma tendência à homogeneização do globo em função dessa combinação singular, em suas diversas partes, entre variáveis internas e externas, entre presente e passado. Por decorrência, os saberes Geográficos devem ser construídos predominantemente por uma perspectiva indutiva:

Não deve, todavia, o geógrafo ter como preocupação dominante, em sua atividade, a busca de princípios gerais, chamados leis, acreditando poder, mediante a mesma combinação, conseguir idêntico resultado em qualquer ponto da Terra. (SANTOS, 2014, p.111)

A Geografia busca explicar, portanto, as diferenças que surgem a cada momento em diferentes lugares/regiões, as quais ocorrem como consequência de relação dos elementos no espaço geográfico como um todo, em escala global. Para Santos (2014, p.114):

Não deve ser a nossa preocupação, por isso mesmo, classificar os fatos geográficos dentro de fórmulas definidas, mas, pelo contrário, o estudo desses fenômenos em escala planetária; certos, porém, de que suas combinações locais serão muito diversas. Certos, também, de que para o entendimento do que se passa em cada lugar, é indispensável o entendimento de processos em níveis mais amplos, que nos conduzirão à própria mecânica do mundo como um todo. Cada lugar é hoje solidário de todos os demais lugares, e é esse encadeamento que fornece a base das explicações.

Desta forma, nos tempos da globalização, nenhum lugar do mundo se explica em si mesmo. O seu entendimento demanda a compreensão das conexões entre esse lugar e o restante do mundo. O lugar é o espaço

reconstruído pelas pessoas de várias etnias que ali vivem suas culturas, trabalho e lazer, carregados de histórias que marcaram e marcam cada uma delas. Cada lugar é, ao mesmo tempo, o palco das histórias da vida dos sujeitos e, em certo sentido, seu produto.

Diante dessas constatações percebemos que os lugares não são neutros, ou seja, são carregados de histórias as quais dão significados a cada um deles e a seus sujeitos. Os lugares não são recortes isolados e independentes, fazem parte de todo o conjunto: o Global. Nessa escala de análise, os fenômenos mostram a historicidade das pessoas, dos lugares, do que é produzido, o envolvimento de pessoas e a construção do espaço e de cada lugar, que é ao mesmo tempo objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (SANTOS, 1996, p.73).

Por essa razão, o estudo do lugar é de relevância para a contextualização em Geografia, para se estabelecer a dialética entre o específico e o geral, para se sair do senso comum e se chegar aos saberes geográficos com embasamento científico. As possibilidades de estudar a Geografia por meio do lugar de vivência dos sujeitos é um caminho para dar concretude aos conteúdos estudados em sala de aula:

O olhar espacial é o modo de fazer Geografia (o método a usar), é como devemos estudar a realidade. Uma realidade que tenha a ver com a vida dos alunos. Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem (CALLAI, 2002, p.84).

Considerando os contextos mais significativos, ou seja, a dimensão de espaço vivido, correlacionando-os a contextos amplos e complexos, é que de fato se pode compreender o lugar e sua importância na Geografia e entender que as matrizes de seus aspectos naturais e humanos estão além daqui e agora, tornando indispensável à exploração de variáveis internas e externas, de momentos passados e presentes, para sua real compreensão.

Estabelecer conclusões significa organizar os dados e as informações obtidas, e a fim de caracterizar efetivamente os lugares e delinear as proposições levantadas no sentido de organizar as sínteses levantar hipóteses e interpretar, para além do observável, o que pode estar expresso no espaço, no sentido de suas origens - a historicidade dos lugares. (CALLAI, 2002, p.118)

Deste modo, destaca-se que por meio do estudo do lugar é possível observar, descrever, comparar para então estabelecer conclusões. Além desses aspectos citados acima, segundo Callai (2002) a questão identitária também é fundamental na análise do lugar, entendendo identidade como “o conjunto de características que formam a feição de um determinado espaço [...] Os costumes, os valores, as tradições são elementos que, no seu conjunto, estruturam a identidade de um lugar” (CALLAI, 2002.119).

Cada lugar possui sua identidade, suas histórias que os marcam e os definem, assim como àqueles que vivem ou viveram ali. E ao trabalhar o conceito de identidade é de suma importância avaliar as relações entre as pessoas e os lugares. “Cada lugar tem uma força, tem uma energia, que lhe é própria e que decorre do que ali acontece” (CALLAI, 2002, p.119). Neste sentido, ainda em conformidade com esta autora, destaca-se que “a cultura que interessa aos geógrafos é primeiramente constituída pelos conjuntos dos artefatos, do *know-how* e dos conhecimentos através dos quais os homens mediatizam suas relações com o meio cultural”. Neste sentido, destaca-se também que:

Reconhecer a cultura local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e valores que pautam as relações entre elas. Vários são os lugares possíveis de se estudar. O importante é que sejam lugares significativos para a vida dos alunos. Poder-se-ia falar em espaços do cotidiano (CALLAI, 2002, p.123).

Percebe-se o quanto a cultura é fundamental para a interpretação dos lugares. Ela está presente nas ações dos sujeitos e em seus conhecimentos, e que cada região carrega sua cultura, que está repleta de conteúdos geográficos, apresentando suas ações e suas marcas, dando identidade e pertencimento ao lugar.

4.4 A aula de campo no ensino da Geografia: a experiência *in loco* como ferramenta para promover a contextualização dos conteúdos

Corrobora-se aqui, em conformidade com o posicionamento dos autores aqui utilizados como referências, que as aulas expositivas frequentemente recaem na repetição de conteúdo, sem nenhum significado para o dia a dia da vida dos estudantes, na forma daquilo que Freire (2005) chama de educação bancária. Neste sentido, compreende-se que o professor que se interessa em mudar a tradicional aula expositiva necessitará encontrar meios para que os estudantes possam estar envolvidos e empenhados no próprio processo de ensino-aprendizagem. Diante de tais informações, torna-se relevante destacar que:

Um professor pode expor os conteúdos por meio de uma aula expositiva, o que pode ser uma experiência informativa, divertida e estimulante, dependendo da forma como ocorra o preparo da aula. Porém em alguns casos, é cansativa e pouco contribui para a formação dos alunos. Uma saída da escola ou trabalho de campo, também chamadas de visitas, passeios e excursões podem estar inseridos no currículo escolar. Esta atividade é caracterizada por ser mais flexível, por trabalhar o conteúdo proposto e acontecer em ambiente extraclasse da instituição educacional (MORAIS e PAIVA, 2009, p. 41).

Percebe-se, portanto, outro aspecto das aulas de campo, que ratifica sua importância e contribuição positiva ao processo de ensino-aprendizagem: a ludicidade. De acordo com Lima (2008), é possível e recomendável ao professor, no ambiente escolar, adotar metodologias que busquem a ludicidade, tendo esta como aliada de sua prática educacional. Afinal, através de jogos e brincadeiras, o estudante é atraído para um ambiente cheio de motivação e de uma saudável construção do conhecimento, sendo estas características que possibilitam uma integração entre o lúdico e a realidade pedagógica criada.

Sendo assim, conforme aponta Fialho (2008, p. 2):

Os jogos educativos com finalidades pedagógicas revelam a sua importância, pois promovem situações de ensino-aprendizagem e aumentam a construção do conhecimento, introduzindo atividades lúdicas e prazerosas, desenvolvendo a capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora.

Compreende-se que não é apenas promover aulas com jogos, mas sim aproveitar da ludicidade dos jogos para melhorar a compreensão e aprendizagem do estudante sobre uns determinados conteúdos, assunto ou tema. Diante disso, menciona-se também o posicionamento de Lucas (2021, p.1), sobre a ludicidade, o qual afirma que:

A pedagogia da ludicidade, por meio de jogos e brincadeiras, permite que a criança seja atraída a um ambiente de motivação e de saudável construção do conhecimento, conforme já frisamos. Tal fato ocorre porque a participação e a vontade de vencer são intrínsecos à Humanidade, e são elementos muito presentes entre as crianças no Ensino Fundamental, sendo características que se integram ao lúdico e à realidade pedagógica na medida em que as propostas de ensino sejam claras e sejam elementos de fortalecimento no papel coletivo e valorativo das crianças. Um aluno consegue perceber o que lhe é ensinado e reproduz naturalmente tal saber quando compreende sua finalidade, se envolvendo e desejando aprender o que lhe é ensinado pelo professor, pois faz sentido para ele. E os jogos e as brincadeiras são instrumentos pedagógicos que podem ser inseridos em várias situações tais como aplicação dos conteúdos, verificação da aprendizagem, ser instrumento motivacional etc. A diversidade de brincadeiras favorece, sobretudo, a adaptação de inúmeras práticas ao fazer docente. O lúdico, com todo o seu potencial motivador, auxilia grandemente no desenvolvimento biopsicossocial.

Isto posto, entende-se que a brincadeira, a ludicidade, faz parte da vida dos seres humanos em geral e, por consequência, também da vida dos estudantes. Por isso, introduzi-las dentro dos conteúdos de forma pedagógica poderá contribuir de forma significativa com a efetivação do ensino e a fixação do conteúdo de uma forma mais atraente para os estudantes.

No que diz respeito à aula de campo, enxerga-se o quanto esta é capaz de contribuir com o ensino da geografia assim como a realização de jogos interativos com os estudantes dentro do tema estudado, pois há diversos locais que podem ser visitados e explorados para o ensino dos conteúdos dessa e de outras disciplinas.

Além da ludicidade, compreende-se que a exposição do estudante a locais que demonstram, na prática, a teoria estudada em sala de aula, poderá contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, pois os estudantes tendem a assimilar com mais facilidade os conceitos e teorias quando estes se mostram dotados de concretude, por meio de exemplos empíricos. Neste sentido, destaca-se que:

Efetuar o planejamento dessas viagens é passo fundamental para seu sucesso. Especial atenção deve ser dispensada à escolha dos locais, à seleção dos conteúdos e espaços a serem trabalhados, à construção dos discursos dos mediadores, às atividades desenvolvidas pelos alunos e às formas de registro e avaliação que vão ser propostas (MARANDINO et al., 2009, p.150).

A contribuição das aulas de campo aos processos de ensino-aprendizagem, entretanto, depende (como todo o restante do processo) do professor, que possui um papel fundamental na concepção, planejamento e realização desta aula, pois além de planejar toda a atividade, ele atua como um mediador entre os conhecimentos existentes nos ambientes visitados e o estudante. Os esforços requeridos, entretanto, variam caso a caso.

Diante de tais informações, é evidente que a aula de campo é tida como uma ferramenta de grande importância para o ensino-aprendizagem em Geografia, a qual promove no estudante uma melhor compreensão sobre o seu espaço, além de intensificar a construção do conhecimento sobre sociedade e cidadania. Percebe-se que para os estudantes este formato de aula é uma saída da rotina das aulas tradicionais.

Para Neves (2010), é na aula de campo que se desenvolve o caráter pesquisador e investigador do estudante, além de que, se o professor conseguir promover a contextualização dentro da aula de campo, este conteúdo será capaz de influenciar diretamente na construção do conhecimento sobre o assunto tratado.

Diante de tais informações, compreende-se o quanto que as aulas de campo podem contribuir com o ensino dos conteúdos da geografia, principalmente quando houver a contextualização entre o conteúdo estudado e

o ambiente analisado, por isso a necessidade do empenho do professor ao adotar este método de ensino.

Sendo assim, compreende-se a importância em detalhar mais sobre as aulas de campo, isso é compreender esta ferramenta para executá-la em benefício do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de geografia. Como já mencionado anteriormente, aula de campo é toda aquela que permite ao estudante uma experiência fora da sala de aula, que objetiva contextualizar o conteúdo estudado de forma teórica com a experiência promovida pela aula de campo.

Neste sentido, destaca-se que uma saída da escola ou trabalho de campo, também chamadas de visitas, passeios e excursões ao serem introduzidas de forma planejada no currículo do ensino da disciplina, torna-se uma aula de campo. Além disso, esta atividade é caracterizada por ser mais flexível, por trabalhar o conteúdo proposto e acontecer em ambiente extraclasse da instituição educacional (KRASILCHIK, 2004; MORAIS e PAIVA, 2009).

Deste modo, considera-se importante, inserir esta ferramenta metodológica no ensino e nas práticas rotineiras dos estudantes de forma contextualizada, como já mencionado, sendo assim, o ensino por meio de saídas da escola para a observação da natureza e do cotidiano da sociedade deverá estar de acordo com o ensino estudado na teoria anteriormente a esta execução. Promover aulas neste formato contribui com o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, pois a realidade destes é de suma importância, sendo que muitos docentes já trabalharam com esta ideia, além do que, existem vários espaços específicos em conteúdos de geografia.

No sentido de espaço e conteúdo específicos, destaca-se a questão das visitas às exposições permanentes de museus e centros de ciências, locais que apresentam alterações no relevo, na composição social e cultural, eventos culturais e entre muitas outras oportunidades e possibilidade, permitindo para o ensino de geografia tratar desta ciência através de outras ferramentas, mais eficazes, conforme destaca alguns autores já mencionados, deixando de ser um ensino apenas por meio da fixação de conteúdos (VIEIRA, 2005).

Quando se questiona sobre o planejamento das aulas de campo, compreende-se a questão da contextualização, pois existe uma estreita relação das aulas de campo com as atividades pedagógicas convencionais, as quais são consideradas estratégia de ensino, muitas vezes denominadas como estudo do meio, sendo consideradas como ensino formal, pois se encontram totalmente relacionadas aos acontecimentos da sala de aula, mas requer por parte do professor uma exemplificação (contextualização) da teoria com a realidade do estudante, o meio em que está inserido, promovendo dessa forma aprendizagens mais significativas e contextualizadas (ANASTASIOU e ALVES, 2004).

Sendo assim, as aulas de campo são oportunidades em que os estudantes poderão descobrir novos ambientes fora da sala de aula, incluindo a observação e o registro de imagens e entrevistas as quais poderão ser de grande valia para a sua formação acadêmica, social e ética. Estas aulas também oferecem a possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar, pois dependendo do conteúdo, podem-se abordar vários temas (MORAIS e PAIVA, 2009).

Desde modo, compreende-se que as aulas de campo são um instrumento imprescindível, sobretudo quando os conteúdos estudados se mostram distantes da realidade do estudante e demandam experiências e vivências que eles ainda não possuem. Nestes casos, ela se torna ainda mais importante.

5. AS AULAS DE CAMPO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO PROCESSO DE ENSINO-APREDIZAGEM EM GEOGRAFIA

Com o intuito de verificar a validade das premissas abordadas no referencial teórico deste trabalho, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa sobre a importância das aulas de campo na constituição do ensino-aprendizagem em Geografia a partir de questionários aplicados a estudantes e egressos de Licenciatura em Geografia do IFES – Nova Venécia e a docentes da educação básica do referido município e em seu entorno.

Aos estudantes, aplicou-se uma entrevista semiestruturada composta por sete temas/tópicos relativos ao tema “Aulas de Campo e sua Contribuição ao Ensino-Aprendizagem em Geografia”, a qual foi feita por meio eletrônico, predominantemente de forma assíncrona (por meio de gravações), tendo em vista as restrições sanitárias decorrentes da pandemia Coronavírus (Covid-19) uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, ao longo do período de realização desta pesquisa.

Foi solicitado que, em suas respostas, eles discorressem sobre os seguintes tópicos:

- 1- Quando você realizou sua primeira aula de campo e o que estava estudando?
- 2- Você se divertiu nessas aulas? Se sim, relate sobre a importância da descontração e o prazer em obter novos conhecimentos de forma prática.
- 3- O que te chamou mais atenção na realização das aulas de campo?
- 4- Quais aulas de campo você se lembra? Pode ficar à vontade para relatar.
- 5- Em sua opinião, qual a importância didática das aulas de campo?
- 6- Qual aula de campo mais te marcou ao longo de sua formação?
- 7- Qual a (s) dificuldade (s) foi encontrada em realizar essas aulas?

Primeiramente, deve-se destacar que os estudantes entrevistados tendiam a responder positivamente/afirmativamente a todas as perguntas/tópicos.

Sobre o caráter lúdico das aulas de campo, todos responderam afirmativamente. A egressa Entrevistada A, por exemplo, assim afirmou:

[...] o conhecimento dos lugares oportunizou muito as interações. Foi maravilhoso. Essas oportunidades de conhecer as culturas, os lugares, graças às aulas de campo. Aula que me marcou foi para Linharinho. A cultura daquele povo quilombola, os beijos da Dona Miúda, saudades... Recomendo também aula de campo no Sítio Pilon, além de um lugar encantador, a comida maravilhosa [...].

Pode-se notar a mesma positividade na resposta do egresso Entrevistado B:

Se eu me diverti? Diverti-me bastante! Aula de campo é bom para interagir com os alunos, porque ficamos presos dentro da sala, aí acaba se acostumando com aquilo ali e acaba se estressando, que querendo ou não, não é um ambiente muito divertido, é algo mais sério, mais tradicional, e às vezes os alunos estão cansados do dia a dia, né? Então as aulas de campo descontraem a gente também, além de conhecer as histórias dos locais, a gente ir conhecer na parte da geografia mesmo, é mais didático isso é muito importante.

Outro entrevistado também justificou sua resposta afirmando que:

Conhecer de perto os impactos da monocultura da região (Linharinho), as lutas, as desapropriações das terras dos quilombolas para empresa de celulose. É através das aulas de campo que conseguimos entender melhor tudo isso [...] por mais que estudamos em sala de aula, as aulas de campo é a concretude daquilo que foi mencionado em sala. E a diversão é garantida, além de um aprendizado mais dinâmico associado ao lazer. Os professores sempre tiveram o cuidado de marcar aula quando estivesse acontecendo algum evento como de Linharinho (Festival de Beiju) o qual fomos à atração do local (ENTREVISTADO C)

Nesse mesmo sentido, destaca-se também a resposta do Entrevistado D:

Diverti-me. Foi bem interessante. Estudando as escolas do campo. Na verdade, eu sempre penso que [...] foi a melhor escola que eu estudei justamente por causa dessas aulas [...] muitas delas eram ao ar livre. Nem toda aula era dentro de sala. Então íamos pra horta, a gente ia para onde tinha o café plantado, então fazíamos muita coisa lá. Tinha animais que (a gente mexer porco, galinha) e tinha uma área de floresta que a gente fazia aula lá. Inclusive a primeira foi aí. Então sempre tinha algo para fazer do lado de fora da escola. Então era muito bom para a gente entra em contato para natureza, sai um pouquinho das paredes da sala. Inclusive também a gente se divertia com os colegas, que em sala tem sempre um rigor, maior exige um pouco mais de silêncio, cada um fica no seu canto. Já do lado de fora, sempre acontece algum tipo de brincadeira, algo pra se descontrair, que é um ambiente pra relaxar um pouco fora da sala.

Diante de respostas como estas, compreende-se que a realidade do ensino da Geografia em nosso país, para superar os métodos tradicionais, necessita ter essa aproximação metodológica, isso é, a teoria e a prática, buscando dessa forma facilitar o ensino-aprendizagem do estudante.

Destaca-se que foi possível verificar que todos os entrevistados relatam sobre o local visitado, o trajeto e o envolvimento da turma com o professor. Tal questão é evidenciada na resposta de um dos entrevistados, o qual relatou que, “o que mais me chamou à atenção foi o trajeto, uma paisagem bem diversificada, chegando lá nas dunas vimos ali o encontro das novas dunas e tudo mais, achei bem interessante” (ENTREVISTADO E). Respostas como esta confirmam o caráter lúdico e motivador/convidativo das aulas de campo mencionado anteriormente neste trabalho.

Neste sentido, de acordo com entrevistado F, o que mais lhe chamou a atenção foi:

Todas as aulas de Campo cada um tem a sua especificidade, né? Em cada uma tem alguma característica chama mais atenção, algumas são locais, que geralmente a gente ainda não conhece a gente vê os conteúdos que a gente aprende dentro da sala de aula e você vê lá não em uma imagem, mas você ver ao vivo, né, presenciar, vivenciar aquilo chama muita atenção [...].

Para reafirmar a questão da diversão das aulas de campo, encerra-se com a seguinte fala, do entrevistado G:

Foi na disciplina de geologia, tivemos a hora de conhecer a parte geológica e morfológica. É importante conhecer um pouquinho da nossa própria região, região norte. [...]. Me divertir muito nesta aula, até mesmo com o relacionamento com os colegas, me cativou ainda mais a aprender e [...] está ali concentrado para buscar o conhecimento. Me chamou muito atenção, que na educação básica eu não tinha ideia sobre como se forma as dunas, a duna seria um solo? E essa aula de campo foi primordial para esclarecer minhas dúvidas sobre a teoria da sala de aula e a pratica o professor proporcionou essa experiência.

Neste sentido, destacam-se também afirmações feitas pelos entrevistados sobre o auxílio que as aulas de campo dão ao conteúdo estudado na disciplina de Geografia. A entrevistada H, por exemplo, afirmou que:

O que mais me chamou atenção foi compreender na prática o que não se vê em sala de aula, os diferentes tipos de solo e as diversidades no relevo, a morfologia da terra, né? E isso foi muito legal perceber o a teoria na prática, foi marcante.

Percebe-se que o próprio estudante é capaz de compreender a importância da aula prática para a confirmação e consolidação da aula teórica desenvolvida em sala de aula. O próprio estudante pede por aulas práticas, pois concorda que vê na pratica os assuntos estudados os fazem compreender de forma mais aprofundada a teoria.

Além disso, para muitos deles, a aula pratica trouxe novidades, novos saberes, os quais ainda não haviam aprendido na teoria, como por exemplo, “a comunidade [quilombola] de Linharinho, lá eu pude aprender sobre a luta dos Quilombolas suas crenças e culturas e isso foi marcante para mim” (ENTREVISTA I). Percebe-se de acordo com a referida entrevistada, que a própria aula de campo é capaz de trazer novo saberes, os quais nem sempre são estudados em sala de aula.

Observam-se por meio da afirmação acima, o quanto todo o processo de desenvolvimento da aula de campo é capaz de elucidar e contextualizar o

conteúdo a ser trabalhado, pois desde o trajeto já possível aproveitar o envolvimento do estudante e conduzi-lo ao objetivo principal da aula.

Observou-se também, por meio das falas dos entrevistados, que todos se lembram das aulas de campo que já tiveram, além de lembrar com empolgação, são capazes de mencionar detalhes, como o conteúdo estudado, o local, o professor, o que viu e o que gostou, algo que em uma aula apenas teórica, poderia passar por despercebido. Neste sentido, de acordo com um entrevistado, as aulas de campo de quais se lembram de:

Com relação às aulas de campo eu me lembro de todas, pois todas me marcaram, dá mais simples a mais elaborada, como por exemplo, uma viagem simples a viagem do Linharinho, que a gente foi conhecer um quilombo, nossa foi maravilhoso, ali em Conceição da Barra, uma viagem simples, um lugarzinho bacana, perto, fomos muito bem recebidos, experimentamos o Beijú molhado que foi uma atração à parte, a gente ficou lá se divertindo a noite, assim uma viagem simples [...]. Uma viagem mais elaborada foi a de Ouro Preto, a gente pode ir lá, foi muito maneiro, muito massa, conhecer a cultura, a história do Brasil, foi muito bom. O pico da bandeira que é uma coisa a parte, a gente conheceu a geografia, a questão do relevo, a mudança de temperatura, vegetação diferente, frio desgramado [...]. Foi muito bacana, essas viagens me marcaram pro resto da vida, foi uma contribuição muito grande pro meu ensino, porque eu pude ver na prática tudo o que a gente estudou na teoria (ENTREVISTADO J).

Diante de tal posicionamento confirma-se a hipótese de os estudantes aprenderem de forma mais eficaz com a prática das aulas de campo, pois se percebe através da fala dos entrevistados o quanto aprenderam com as viagens de campo, as quais proporcionaram um maior esclarecimento sobre a teoria estudada e, baseado em suas afirmações, constata-se que experimento os marcam para o resto da vida.

Para o entrevistado B, a aula de campo da qual se lembra é:

Me lembro de três aulas que marcaram uma que foi da história de Vila Pavão foi à primeira aula de campo a qual falei sobre um Senhorzinho, que é que é muito antiga, a cultura, a língua local da língua nativa deles, [...] então a esse tipo de história me marca muito, eu lembro há muito tempo e duas legais foram uma que foi Ouro Preto conheci as minas a cidade em si, a culinária com muita coisa muita coisa e muita coisa boa, e o povo muito animado muito massa, [...] e a outra foi para Caparaó que depois a gente foi para casa de Marcela, rapaz, vale o sacrifício de dessa aula o Pico da Bandeira, porque lá em cima é muito bonito. Então foram essas 3 aulas.

Percebe-se por meio de tais relatos que os entrevistados em sua maioria se lembram de praticamente todas as aulas de campo que tiveram no decorrer do curso de Geografia, o que demonstra a relevância destas para a fixação do conteúdo estudado por parte do estudante. Neste mesmo sentido, destaca-se a resposta de dois entrevistados, os quais alegaram que:

É tudo, porque todo aluno que tem a possibilidade, eu não tô falando de faculdade não, vão botar ensino médio e fundamental I e II, se ele tiver a oportunidade, se a escola oferecer ou o professor, tiver a condição de elaborar uma viagem de estudo com eles, após eles terem estudado aquela matéria, porque uma coisa é você ir lá sem ter o conhecimento, primeiro você precisa ter o estudo. Há vou estudar sobre a história do Brasil, e vou estudar tudo ali no livro, vou fazer m trabalho, no final disso tudo vai caminhar para uma viagem aonde os alunos vão pra lá e vão poder ver, tudo de certa forma, [...] o que eles estudaram ali, eles vão ter um contato ainda com o rela, por exemplo, eles vão lá para Ouro Preto, [...] ali eles vão entender a história do ouro, vão ver as minas, vão ver a importância das religiões naquela época, através das igrejas. Você vai ver nas cidades, que dentro das cidades há segregações, aqui é um lado português, aqui é m lado francês, aqui é um lado dos negros e escravos, igreja de rico e igreja de pobres. [...] Então, quando você vai pra esses lugares, você vai ver de fato coisas que vão somar ainda mais com coisas que você não vê no livro, porque o livro é essencial, ele te traz informações, mas quando você vai pra prática, você vai ver história vai ver coisas que vão enriquecer ainda mais o conteúdo (ENTREVISTADO J).

A importância da didática nas aulas de campo, deixa que o aluno saia daquele mundo, daquele mundo entre 4 paredes levando o aluno a abordagem local, a realidade local, de forma interativa lúdica, o aluno vai conseguir entender aquele processo na realidade, ou seja, ele está observando a paisagem, observando todos os elementos que compõe essa paisagem e associando aquele conteúdo que ele aprendeu dentro da sala de aula, [...] então as aulas de campo além de ser um momento de descontração, leva o aluno a pensar, refletir e também a replicar os conteúdos os conceitos naquele contexto porque a partir dali, ele pode perceber outro aspecto que não foi discutido em sala de aula, porque ele está observando na realidade, no momento em que está presente ali. (ENTREVISTADO K)

Novamente, torna-se evidente o quanto a prática - a aula de campo - é capaz de contribuir com a teoria estudada em sala de aula. Uma não substitui a outra, pois como o próprio entrevistado afirma, é preciso conhecer a história daquele lugar antes de visitar, por isso, os experimentos em campo precisam ser embasados. Sendo assim, conforma-se que as aulas de campo auxiliam nesse sentido, isso é elas ajudam no entendimento dos conteúdos, por contextualizá-los e dotá-los de maior concretude.

Quanto à questão sobre as eventuais dificuldades para a realização das aulas de campo, a maioria dos entrevistados respondeu sobre a questão financeira, ressaltando os cortes nas verbas da educação federal ao longo dos últimos anos. Compreende-se que aulas de campo geram custos, geralmente relacionados ao transporte, alimentação e hospedagem. Porém, mesmo diante dos cortes de verbas, devido a sua importância para a formação do estudante, é possível que os professores busquem por alternativas mais baratas, ou locais em que os estudantes podem ir por conta própria, mas que não deixem de promover a aula de campo.

Neste sentido destacam-se algumas falas sobre esta questão, como por exemplo, o posicionamento do entrevistado K:

Dificuldade? [...] Eu vou falar assim, por mim, que o principal era mais financeiro, né? Que nem sempre tinha dinheiro para fazer essas aulas. Eles deram fim do mês e como eu morava em Nova Venécia, tinha que pagar aluguel, alimentação, transporte, as vezes eu vinha em casa e gastava muito. [...] Então a maior dificuldade era isso muito e estava na época dos cortes das verbas da educação, então fazíamos rifa pra pagar. Viagem para o Pico da Bandeira que a gente fez. Isso aí minha família também, como sempre, me ajudaram um pouquinho. Quando tinha aula de campo [...] então acho que foi isso foi à dificuldade, de locomoção também, mas dava para a gente conseguir.

Compreende-se a partir de tal resposta que a situação financeira dos estudantes também interfere na participação destes nas aulas de campo, pois geram despesas a estes, as quais mesmo sendo parcialmente custeadas pela instituição quando possuem uma extensão maior, fazem com que muitos estudantes acabem eventualmente não participando de tais atividades.

Observou-se também que, com relação à aprendizagem, as dificuldades são mínimas em uma aula de campo, conforme desta a entrevistada I:

As dificuldades foram às financeiras [...] quando o estudante não tem na escola suporte e ele tem que bancar uma alimentação ou hospedagem aí sim, essa é a dificuldade [...] para a aprendizagem não [há dificuldades], as aulas de campo são perfeitas (ENTREVISTADO I).

Enxergar-se através de tais respostas que os estudantes tendem a ansiar pelas aulas de campo, porém nem sempre possuem condições financeiras para arcar com os custos individuais, por isso acabam deixando de participar em alguns casos. Neste sentido, de acordo com a estudante Entrevistada F, as dificuldades também se associam com a disponibilidade do estudante, isso é, nem sempre a data da aula está condizente com a disponibilidade do mesmo para viajar:

Bom, às vezes tinha dificuldade de encontrar uma data boa que fosse boa todo pra todo mundo, né, devido a compromisso. [...] Então decidir uma data era uma dificuldade às vezes dificuldade financeira, mas acabava que nos juntávamos e ficava sempre preços acessíveis para todo mundo acredito que quase todo mundo conseguiu participar por essa questão financeira, porque não ficava assim então no caro para todo mundo eu sei que muita gente com certeza não conseguiu participar por questões financeiras, mas acredito que boa parte da galera conseguiu. A gente vai falando e vai lembrando, né? [...] Lembrei-me de mais aula de campo então, mas a número quatro teve aula de campo também em Nova Venécia, que nós fomos lá ao bairro Aeroporto, no São Cristóvão e todo esse roteiro que fizemos pela cidade de Nova Venécia entre outros bairros que visitamos também, foi uma aula de campo muito legal, porque muitas pessoas que moravam em Nova Venécia que não eram de lá, como é o meu caso que sou de Barra de São Francisco, que fui morar em Nova Venécia, não conhecia tão bem a cidade [...] então nessa aula a gente conheceu vários locais da cidade então conseguimos ver o Geografia em tudo, né?

Diante de tais afirmações e informações, destaca-se a questão financeira é uma adversidade maior às aulas de campo mais extensas, isso é aquelas que demandam dias de viagem. Nestes casos, é preciso algum tipo de auxílio ou subsídio para se garantir acessibilidade financeira para os estudantes. Nas aulas mais curtas, sobretudo no caso daquelas sem pernoite

fora de casa, às adversidades financeiras à sua realização são bem mais brandas.

O estudante Entrevistado L de Carvalho apontou uma adversidade para a aula de campo diferente em sua resposta, segundo ele:

Bom dentre as aulas de campo teve no componente curricular introdução à geologia, que fomos até Costa Dourada, né, [...] primeira vez quando estava fazendo a disciplina era a ideia, mas infelizmente o ônibus furou o pneu e por conta do tempo, fomos só até Itaúnas. [...] Então ali durante o trajeto, paramos em alguns pontos para ele está explicando sobre tipo de rocha, solos, as continuidades e descontinuidades, e chegando lá também falou sobre as dunas à influência que tudo isso faz e as possíveis coisas que aconteceriam daqui a milhões de anos a gente conseguiu entender um pouco vendo, percebendo fisicamente o que o professor estava explicando teoricamente na sala de aula, e que muitas vezes tem coisas e nomes que lemos e ouvimos pela primeira vez e vendo aplicadas em um ambiente tudo faz muito mais sentido, [...] então foi uma experiência extraordinária muito boa, mas fui uma segunda vez com a turma da geo5, aí chegamos até Costa Dourada, então pode estar explicando pra gente então consegui absorver muito melhor pela segunda vez.

No relato acima, percebe-se que mesmo diante de contratemplos em sua primeira aula de campo, o entrevistado recorda-se de sua aprendizagem e destaca o quanto esta foi importante para a sua formação, demonstrando dessa forma que mesmo diante de imprevistos, a aula de campo é capaz de promover aprendizagens significativas. Sendo assim, destaca-se também a necessidade de o professor orientador da aula de campo ser capaz de ministrar a aula mesmo quando ocorrem imprevistos. Compreende-se que as aulas de campo exigem do professor uma flexibilidade maior de seu ensino e método.

Uma aula de campo bem planejada, organizada e executada é capaz de marcar a vida de um estudante. Como eles próprios afirmaram na entrevista, são capazes de lembrar-se de muitas informações, isso devido à contextualização do tema estudado nesta aula. Por isso a necessidade do planejamento por parte do professor. Verificou-se por meio das entrevistas que há entrevistados que se lembram de todas as aulas de campo ocorridas

durante o curso e o conteúdo estudado em cada uma delas, como é o caso, por exemplo, de Entrevistado J. Segundo ele:

Bom com relação ao curso de Geografia a gente fez diversas aulas de campo, né ou chamada de aulas práticas [...] todas elas foram momentos únicos de aprendizagem pra gente, lembro muito bem de geografia Rural, aonde a gente visitou dois municípios com realidades diferentes, né [...] uma realidade pequenos agricultores que no caso era Vila Pavão e a outra de latifúndio que era Mucurici, e pudemos ali vivenciar muito bem na prática, né, [...] o que é agricultura familiar e como ela faz a distribuição de renda e como o latifúndio concentra a renda nas mãos de pessoas ele tem a concentração de pessoas em pequenos espaços que são os povos urbanos, sejam eles, patrimônio ou cidades e a zona rural estão nos verdadeiros lugares com a gente pode dizer assim vazios, né, [...] e todas as aulas de campo foram importante porque essas aulas nos trouxeram de fato um olhar, mas clínico um olhar mais profundo para os temas que estava estudando, por exemplo, fizemos na pedologia estudo de solo, cavamos buracos foi importante para ver as camadas superficiais da terra para estudarmos o macro e o micro solo, isso foi muito bacana também, sem contar a experiência, o contato com a natureza na propriedade que trabalhava com a agroecologia e foi muito bacana também, [...] conhecemos diversos lugares na Grande Vitória, por exemplo, rodamos pontos turísticos da disciplina de geografia urbana para entender porque que os grandes centros eles se mudam conforme cada tempo cada espaço [...] e você também foi legal ver na prática, né, não só no livro, e perguntar, ah porque o centro de Vitória não é mais o centro como dizer assim não é o centro político da cidade né, e que hoje se tornou a Paria da Costa os lugares mais badalados e o centro se tornou um lugar empobrecido porque a elite e os comércios mudaram daquele espaço para um lugar mais onde há fluidez do mercado é maior e atrativo também com praia e ruas e avenidas mais largas e tudo mais.

Através de tais relatos, evidencia-se o quanto que as aulas de campo são eficazes, pois se percebe neste relato a vivacidade de cada experiência, a qual nem sempre é recordada quando se estuda apenas a teoria de um determinado assunto. Percebe-se dessa forma, que as aulas de campo realmente fixam com mais precisão o conteúdo estudado na disciplina, por isso, planejá-las trará bons resultados para a aprendizagem.

Destaca-se também a fala da entrevistada M, a qual alegou que estudava muitos assuntos na época de sua primeira aula de campo e que teve muitas aulas práticas, mas “queria ter mais, muitas aulas de campo durante a disciplina, [...] mas ele realizou mais em Geografia Urbana e Geografia Rural e em outras matérias também”. Tal afirmação torna evidente o quanto que os estudantes em geral desejam pelas aulas de campo, pois após o primeiro

contato, percebe-se que uma vontade deles em ter aulas práticas em todas as disciplinas estudadas.

Diante de tal observação percebe-se que a aula de campo realizada no curso de graduação esclareceu dúvidas dos entrevistados que sugeriram lá na educação básica, isso é no ensino fundamental e médio. Além disso, verificou-se também que nas aulas de campo a interação entre estudantes e professor e entre os estudantes são maiores que na sala de aula, pois há toda uma ludicidade promovida pelo ambiente.

Isto posto, destaca-se, uma resposta relevante sobre as adversidades da aula de campo, a qual chamou a atenção:

[...] Então como dentro da sala de aula é mais um ambiente mais fechado, o professor tem que ficar falando, falando, falando para explicar e às vezes a pessoa tá com a cabeça bem cansada, então não pega tanto e vai para fora na sala de aula. Vai ter aula de campo é muita, muita atrativa, então a pessoa acaba perdendo o foco às vezes do que tá sendo passado [...] então a didática que tem que ser boa para poder chamar atenção do aluno para que primeiro ele fale sobre conteúdo e depois o aluno possa usufruir dos outros atrativos da aula de campo (Entrevistado B).

Percebe-se em conformidade com o entrevistado, que há professores que optam pela aula de campo por estarem cansados e desejarem uma possível pausa, assim como também há estudantes que veem a aula de campo como uma distração, por isso, não se concentram. Porém quando a aula de campo se inicia assim, ela acaba não favorecendo o aprendizado, pois como se percebe nesta última resposta, nota-se que há muitos atrativos em campo, os quais podem dispersar a atenção do estudante e este não aprender o que realmente deveria. Para desenvolver uma aula de campo, portanto, o professor necessita planejá-la de mesma forma que as aulas teóricas, pois sem um planejamento adequado, de pouco servirá este formato de aula.

Neste mesmo sentido, destaca-se o seguinte posicionamento sobre a didática da aula de campo:

A importância didática como eu falei lá atrás, é importante que você mantenha o objetivo da aula, [...] então se for só uma visita quando a gente viaja, por exemplo, a gente não vai com a intenção de aprender uma viagem comum, né, [...] não vai à intenção de aprender, mas a aula de campo ela tem objetivos que a gente aprenda no campo, então é importante que tenha os objetivos bem claros do que a gente tá fazendo ali, claro que a gente vai descontrair vai se divertir, mais ainda assim a gente precisa seguir a proposta daquela aula, então acredito que é justamente essa é a importância (ENTREVISTADO D).

Observa-se neste relato, novamente, a necessidade do planejamento de uma aula de campo, pois os próprios estudantes observaram que é fácil se dispersar quando não se compreende o objetivo da aula. Sendo assim, compreende-se que para alcançar a aprendizagem pela prática, é necessário planejar e explicar como será esta aula, o que irão aprender e quais são os objetivos a serem alcançados e não simplesmente sair para um passeio em campo, sem foco ou objetivo. Neste sentido, destaca-se mais uma fala sobre esta questão:

Então a importância dessas aulas de campo [...] ela deixa que o estudante ele saia daquele mundo daquele ambiente escolar entre quatro paredes um ambiente fechado, leva ao aluno a abordagem a realidade local, ou seja, de forma interativa lúdica este estudante esse aluno vai conseguir compreender aquele processo na realidade, eles estão observando a paisagem observando todos os elementos que a compõem e associando aquele conteúdo que ele aprendeu dentro da sala de aula então as aulas de campo para além de ser um momento de descontração Ele leva o estudante a pensar a refletir e também a replicar os conteúdos os conceitos naquele contexto [...] porque a partir dali ele pode perceber outras aspectos que não foi discutido em sala de aula, [...] porque ele está observando na realidade no momento, ele está presente naquele contexto então assim nas minhas experiências de sala de aula e você inclusive, [...] você pode perceber que quando eu falo das minhas aulas de Campo eu consigo lembrar de todo o processo de todo o conteúdo de toda aquela matéria porque eu vivenciei aquilo na prática, né? [...] Então é uma questão ficar mais lúdica interativa então a didática ali é um instrumento para que você leve ao seu aluno a compreender aquele conteúdo de forma mais lúdica (ENTREVISTADO K).

Observa-se nesta fala, que o próprio entrevistado foi capaz de compreender os itens didáticos essenciais para uma aula de campo, sendo eles a ludicidade, a teoria antes da aula de campo, e o planejamento da aula prática. Com todos estes itens organizados e bem planejados, torna-se

possível promover uma aula de campo eficiente e de qualidade para a aprendizagem.

Antes de encerrar este capítulo, destaca-se que boa parte dos entrevistados, disseram que a viagem para Ouro Preto-MG os marcou. Destaca-se a seguir a visão de um entrevistado que foi nesta viagem. Segundo ele, “[...] a viagem que me marcou com certeza foi a de Ouro Preto, porque foi a que demorou mais, acho que uns três dias, ficamos mais tempo, rodamos tudo lá em Ouro Preto, além de aula, foi praticamente um turismo pra mim” (Entrevistado L).

Destaca-se que com relação à repetição da aula de Ouro Preto, por ter sido a mais marcante, é possível destacar alguns fatores relevantes desta aula, como os mencionados na fala da Entrevista M:

Pra mim foi a de Ouro Preto e Caparaó. [...] Ouro Preto porque é uma cidade histórica e foi muito bacana conhecer as minas e nem falo das igrejas porque pra mim foi conhecer essas minas de ouro da época, uma cidade tão linda, um centro universitário ali, eu me identifiquei muito. [...] E Caparaó porque superei meus limites e eu nunca imaginei que uma faculdade poderia me oferecer o que ofereceu nesse dia aquela aula de campo foi perfeita. [...] Conhecemos os Ifes, né fazer aquela baldeação que a gente fazia para poder chegar até o Caparaó, depois voltar para Vitória também foi bacana que a gente foi de campus em campus para poder dormir, e foi mais interessante conhecer o outro campus, nesse meio tempo (ENTREVISTADA M).

Observa-se através deste relato que a escolha do local a ser desenvolvida a aula também contribui com a relevância desta para a aprendizagem, pois se percebe que a aula de Ouro Preto foi a mais mencionada entre os entrevistados, o que demonstra a sua importância, e ao analisar os motivos dos estudantes terem escolhido tal aula, observa-se que estes estão relacionados ao local, o qual sem a intervenção do professor já é capaz por si só, ensinar muitas coisas para os estudantes, daí a importância da seleção do local.

Quadro 1: aulas de campo que foram citadas pelos entrevistados e que foram promovidas pelo curso:

AULAS DE CAMPO MENCIONADAS PELOS ESTUDANTES E EX-ESTUDANTES	COMPONENTES CURRICULARES / ASSUNTOS ESTUDADOS:
Ouro Preto - MG	Geografia Humana e Cultural do Brasil
Caparaó - ES	Geomorfologia, Biogeografia, Climatologia
Grande Vitória – ES Nova Venécia - ES	Geografia Urbana e Geografia da Mobilidade:
Costa Dourada - BA	Geologia Geral
Itaúnas - ES	Geologia e Geografia da Mobilidade.
Linhariño – ES São Mateus - Escola do Assentamento Zumbi dos Palmares e o Museu Municipal	Geografia Humana e Cultural do Brasil; Geografia Rural; Geografia Humana e Cultural do Brasil; Geografia Rural;
Vila Pavão- ES á Mucurici - BA	Geografia Humana e Cultural do Brasil; Geografia Rural;

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Além desta pesquisa com os estudantes e egressos do curso de Graduação em Geografia do Ifes Campus Nova Venécia, realizou-se também algumas pesquisas sobre o desenvolvimento de aulas de campo com professores atuantes em escolas públicas do ensino fundamental e médio da região de Nova Venécia, São Gabriel da Palha, Boa Esperança, São Mateus, Conceição da Barra e Vila Pavão,

Dos sete docentes que responderam ao questionário, cinco disseram não realizar aulas de campo devido à falta de tempo, de espaço e outros motivos. Muitos docentes entrevistados reconheceram a importância das aulas de campo para a aprendizagem, porém mesmo assim não as executam. Esta pesquisa na íntegra encontra-se nos anexos desse trabalho.

Para melhor compreendermos o resultado da pesquisa desenvolvida com os professores, apresentam-se abaixo alguns gráficos que demonstram a porcentagem das respostas obtidas:

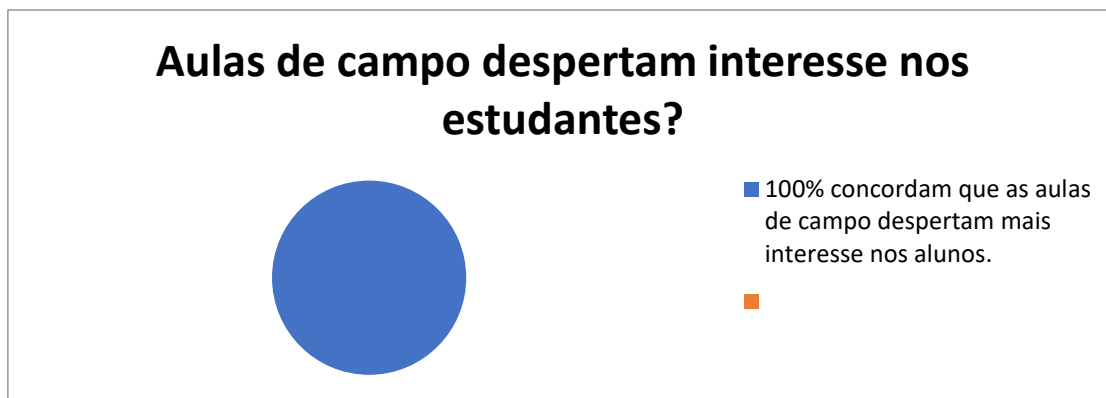
Gráfico 1: Realização de aulas de campo entre os professores entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Por meio das informações obtidas e analisadas acima, compreende-se que a maioria dos professores entrevistados já realizou de alguma forma aulas de campo e compreendem a importância destas para o desenvolvimento dos conteúdos trabalhados na disciplina. Destaca-se também que alguns dos professores que ainda não realizaram aulas de campo provavelmente começaram a lecionar durante o período da pandemia mundial da Covid 19, por isso a falta de oportunidade, manteve-se o distanciamento social no período de 2020 até o presente momento.

Gráfico 2: Posicionamento dos professores sobre a importância da realização de aulas de campo para os estudantes

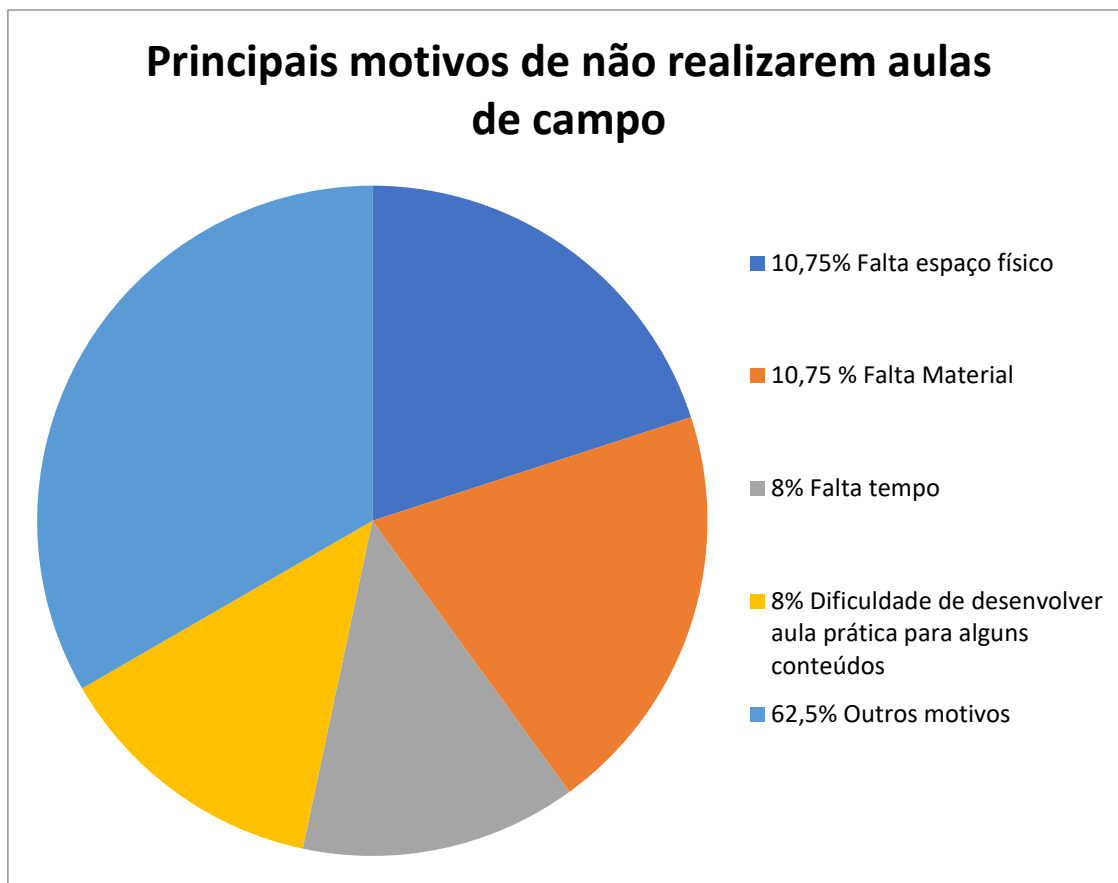


Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Percebe-se que todos os professores entrevistados concordam que as aulas de campo são importantes para a formação e a aprendizagem e, por isso, tentam de alguma forma promover tais aulas quando possível. Neste sentido, destaca-se o relato de uma aula de campo realizada pela Professora da escola Tito, a qual mencionou que “realizei Aula de Campo no Ifes de Nova Venécia no Laboratório de Mineração, quando os estudantes do 1º Ano do Ensino Médio estudavam Rochas e Minerais”.

Compreendem-se por meio da afirmação do professor mencionado acima que aulas de campo também são aulas que ocorrem dentro da própria instituição, isso é não precisam ocorrer somente através de viagens, pois a partir do momento que o professor promove uma experiência fora da sala de aula, mesmo que seja nos arredores do terreno da escola ou no laboratório, já se caracteriza como uma aula de campo.

Gráfico 3: Principais dificuldades encontradas para a realização das aulas de campo



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Destaca-se que os professores entrevistados puderam escolher mais de uma opção nesta pergunta sobre o motivo pelo qual não realizam aulas de campo. Os entrevistados que escolheu a opção “outros motivos” foram à maioria, os quais também justificaram que estes “outros motivos” estão relacionados a:

- Falhas no espaço educacional em seu contexto geral;
- Falta de apoio dos setores públicos;
- Disponibilidade de meios de transportes;
- Falta apoio por parte do sistema.

Diante de tais dados, compreendeu-se que a maior dificuldade encontrada pelos professores se encontra relacionada ao apoio externo, isso é, ter um transporte adequado e acessível, recursos financeiros para alimentação e demais gastos com a viagem e o material a ser utilizado, percebe-se que de

certa forma seria contar com o patrocínio do Estado ou das prefeituras municipais para a disponibilização dos recursos necessários para tais aulas.

Neste sentido, destaca-se também que há conteúdo dentro da disciplina de Geografia que são complexos, mas podem e devem ser trabalhados a partir da metodologia da contextualização, buscando basear-se em saberes de que os estudantes já possuem em seu dia a dia (ou vão adquirir, com as aulas de campo), para facilitar o ensino-aprendizagem de tais conteúdos, como por exemplo, os conteúdos apresentados no quadro abaixo:

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os levantamentos bibliográfico e empírico corroboram a importância de uma abordagem contextualizada dos conteúdos curriculares da disciplina de Geografia, baseada nos saberes que os estudantes já possuem, facilitando dessa forma o ensino-aprendizagem dos conteúdos dessa disciplina. Os resultados obtidos com a pesquisa empírica comprovaram que através da contextualização no ensino é possível, por meio de vivências dos próprios estudantes, auxiliá-los na compreensão de assuntos mais complexos e, por consequência, levá-los a construir um melhor entendimento dessa própria realidade cotidiana.

De modo geral, a pesquisa também demonstrou que há uma significativa contribuição das aulas de campo para a aprendizagem dos estudantes, por sua propriedade de fomentar a contextualização e a ludicidade no ensino da Geografia, como as respostas das entrevistas e questionários ratificaram, demonstrando também, além da contextualização propriamente dita, a importância da ludicidade das aulas de campo, bem como a interdisciplinaridade que lhe é inerente, aspectos que são de grande importância para o trabalho escolar.

Todavia, constatou-se também que há uma grande necessidade de planejamento e suporte para que esta metodologia de ensino obtenha tais resultados, com destaque para o apoio logístico e financeiro das instituições de ensino e dos órgãos mantenedores para sua realização, já que muitas vezes envolve custos que podem ser um fator de exclusão se tiverem que ser arcados pelos estudantes e suas famílias. Cabe ao docente ponderar tais aspectos para planejar atividades de campo eficazes e não-excludentes.

Isto posto, a pesquisa corrobora a importância da contextualização para o ensino em Geografia e para a formação do estudante e demonstra que essa metodologia – as aulas de campo - podem auxiliar na compreensão dos conteúdos possibilitando ao estudante correlacionar os conteúdos com realidade local analisada/visitada, dotando-o de maior concretude e

inteligibilidade, além da contribuição positiva decorrente da ludicidade inerente às aulas de campo.

7 REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.
- BNCC, Base Nacional Comum Curricular. **Educação é a base**. Disponível em: <https://alex.pro.br/BNCC%20Geografia.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.
- _____. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 2006.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 2000.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2012.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Grupo de Trabalho de Educação do Campo. Referências para uma política nacional de educação do campo. Caderno de Subsídios, Brasília, DF, 2004.
- CALLAI, H. C. **O ensino em estudos sociais**. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 2002.
- CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.
- CARNEIRO, **Sônia Maria Marchiorato**. **Importância educacional da geografia**. Educ. rev. no.9 Curitiba Jan./Dec. 1993.
- FIALHO, Neusa Nogueira. **Os jogos pedagógicos como ferramentas de ensino**. VIII Congresso nacional de educação – EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2008.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JACOBSEN, Alessandra de Linhares. **Gestão por Resultados, Produtividade e Inovação**. Florianópolis, UFSC, 2009.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. 4ª ed., São Paulo: EDUSP, 2004.

LIBANEO, José Carlos. **Didática e práticas de ensino e a abordagem da diversidade sociocultural na escola**. Eduece - Livro 4, São Paulo, 2014.

LIMA, José Milton. **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, Unesp, 2008.

LUCAS, Tereza Maria. **Ludicidade no processo ensino-aprendizagem: motivação para alunos e professores**. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/8/ludicidade-no-processo-ensino-aprendizagem-motivacao-para-alunos-e-professores>. Acesso em: 17 de jun. 2021.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.

MORAIS, M. B.; PAIVA, M. H. **Ciências – ensinar e aprender**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

MOREIRA, Flavio Antônio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de Geografia: reflexões sobre práticas docentes na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2010.

PCNS. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>. Acesso em 10 mai. 2021.

PCNS. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>. Acesso em 10 mai. 2021.

PCNS. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>. Acesso em 10 mai. 2021.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Importância da Geografia**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/importancia-geografia.htm>. Acesso em 10, mai. 2021.

PINCHEMEL, P. **The aims and Values of Geographical Education**. In: GRAVES, N. J. (ed) New UNESCO source book for Geography Teaching. Longman/UNESCO Press, 1982.

RICARDO, R. **Nova realidade escolar**. São Carlos. Revista Educação. v.1,n.1,2005.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica: completo e essencial para a vida universitária**. [S.l]: Avercamp, 2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Territórios, territórios**. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

SEDU. **Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo**, 2017.

SILVA, J. CAVASSAM, K. **A utilização da industrialização e urbanização brasileira: uma proposta do projeto Pibid geografia UNENP**. A artigo publicado no / simpósio de geografia “novos rumos pra os Estados Gráficos” e IX Semana de geografia. UNENP, Cornélio Procópio, 2016.

SPINELLI, W. **A construção do conhecimento entre o abstrair e o contextualizar** (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, 2011.

VIEIRA, V. S. **Análise de espaços não formais e sua contribuição para o ensino de Ciências**. Tese de Doutorado. Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

ANEXOS:

Olá, me chamo SILVANA, sou graduanda em Licenciatura Plena em Geografia. Estou fazendo uma pesquisa a qual este roteiro faz parte da minha monografia final com o tema- - **A Importância da Aula de Campo e a Contextualização no Ensino da Geografia: uma análise sobre a relevância no ensino desta disciplina.**

Sua colaboração é de muita importância para mim e para o trabalho.

Desde já muito obrigada!

Contato: 99848-3131 silvanacaminottesantos@hotmail.com

Nome:

Instituição:

1- Você já realizou aulas de campo com seus alunos?

() sim () Não. Se sim, quantas?

2- As aulas de campo despertam interesse do aluno?

() Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo

3- Você encontra dificuldades na realização das aulas de campo?

() Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo Se sim, qual (is)?

() Falta de espaço físico

() Falta de material

() Falta de tempo

- () Dificuldade de desenvolver aula prática para alguns conteúdos
- 4- As aulas de campo contribuem para a avaliação do aluno?
() Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo
- 5- Aulas de campo se enquadram nas boas práticas pedagógicas e na inovação? () Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo
- 6- Em suas experiências, quais suas contribuições sobre as aulas de campo?

RESPOSTAS

Nome: Professor 1

1-Concordo-O olhar geográfico desperta aguçamentos interessantes e impactantes. Caminhar o aluno na teoria para a prática enaltece de forma objetiva os acervos e a construção geográfica presente no seu entorno. É de suma importância às aulas práticas no cotidiano dos alunos para o processo de ensino-aprendizagem.

2- Sim. Pude realizar um trabalho com os alunos na Pedra do Elefante no município de Nova Venécia. Nessas nuances geográficas, pude contemplar os tipos de Rochas presente no estado do ES. Outro ponto primordial foi divulgar a importância da preservação da vegetação.

3- Sim. Todos os requisitos no espaço educacional são falho. Acredito que o estado junto ao município poderia dar sustentabilidade aos trabalhos e as pesquisas do campo.

Nome: Professor 2

Instituição:CMEA

1. As aulas de campo trazem algum benefício ao processo de ensino/aprendizado.

(X) Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo

Justificativa: __A PARTIR DAS AULAS DE CAMPO O ALUNO TEM UMA VISAO MAIS AMPLA DO CONTEÚDO A SER MINISTRADO E TORNA-SE POSSIVEL UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEORIA COM A PRÁTICA.

2. Nos últimos dois anos que antecederam a pandemia (2018 e 2019), quando as aulas ainda foram presenciais, você já realizou aulas de campo com seus estudantes? (X) sim () Não.

Se sim, informe onde a aula foi realizada e quais conteúdos/assuntos estavam sendo trabalhados por meio dela: VISITAS AO MELO LEITÃO EM SANTA TEREZA ONDE OS ALUNOS TIVERAM ACESSO A DIVERSIDADE DA FAUNA E FLORA DE NOSSA REGIAO ...

3. Sob seu ponto de vista, quais as maiores adversidades à realização de aulas de campo na educação básica?

(X) Falta de espaço físico

() Falta de material

() Falta de tempo

() Dificuldade de desenvolver aula prática para alguns conteúdo

() outros _____

Nome: Professor 3

1. As aulas de campo trazem algum benefício ao processo de ensino/aprendizado.

(X) Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo

Justificativa:

Sem dúvidas as Aulas de Campo aproximam conhecimento teórico ao Conhecimento prático e isso se torna prazeroso para o estudante que apresenta um olhar diferenciado e comprometidos quando prática e teoria estão atreladas.

2. Nos últimos dois anos que antecederam a pandemia (2018 e 2019), quando as aulas ainda foram presenciais, você já realizou aulas de campo com seus estudantes? (x) sim () Não.

Se sim, informe onde a aula foi realizada e quais conteúdos/assuntos estavam sendo trabalhados por meio dela:

Realizado Aula de Campo do Ifes de Nova Venécia no Laboratório de Mineração, quando os estudantes do 1º Ano do Ensino Médio estudavam Rochas e Minerais.

3. Sob seu ponto de vista, quais as maiores adversidades à realização de aulas de campo na educação básica?

() Falta de espaço físico

(x) Falta de material

(x) Falta de tempo

(x) Dificuldade de desenvolver aula prática para alguns conteúdo

() outros _____

Nome: Professor 4

1. As aulas de campo trazem algum benefício ao processo de ensino/aprendizado.

(x) Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo

Justificativa: É fundamental no trabalho de campo a relação escola, sociedade e a troca de saberes.

2. Nos últimos dois anos que antecederam a pandemia (2018 e 2019), quando as aulas ainda foram presenciais, você já realizou aulas de campo com seus estudantes? (x) sim () Não.

Se sim, informe onde a aula foi realizada e quais conteúdos/assuntos estavam sendo trabalhados por meio dela: Foi realizado no bairro da escola, envolveu as disciplinas de geografia e ciências. O trabalho tinha como foco,

conscientizar os moradores do bairro, à coleta seletiva do lixo (da separação até coleta), chegando até a Ascat. Gerando mais empregos na nossa cidade.

3. Sob seu ponto de vista, quais as maiores adversidades à realização de aulas de campo na educação básica?

- Falta de espaço físico
- Falta de material
- Falta de tempo
- Dificuldade de desenvolver aula prática para algum conteúdo
- outros __Faltam de apoio dos setores públicos.

Nome: Professor 5

1. As aulas de campo trazem algum benefício ao processo de ensino/aprendizado.

Concordo Concordo Parcialmente Discordo

Justificativa: É através das aulas de campo que o aluno tem acesso ao conteúdo concreto, e não ficará só na teoria.

2. Nos últimos dois anos que antecederam a pandemia (2018 e 2019), quando as aulas ainda foram presenciais, você já realizou aulas de campo com seus estudantes? sim Não.

Se sim, informe onde a aula foi realizada e quais conteúdos/assuntos estavam sendo trabalhados por meio dela: 2ª série do Ensino Médio estava estudando sobre as regiões do Espírito Santo e suas principais características naturais, como clima, relevo, vegetação e hidrografia. Sendo assim, fizemos uma visita à cidade de Santa Teresa-ES para conhecer mais sobre os aspectos naturais e também os culturais.

3. Sob seu ponto de vista, quais as maiores adversidades à realização de aulas de campo na educação básica?

- Falta de espaço físico
- Falta de material
- Falta de tempo

- Dificuldade de desenvolver aula prática para alguns conteúdos
 outros disponibilidade de meus de transporte

Nome: Professor 6

1. As aulas de campo trazem algum benefício ao processo de ensino/aprendizado.

Concordo Concordo Parcialmente Discordo

Justificativa: Aprendemos muito mais quando vemos na prática.

2. Nos últimos dois anos que antecederam a pandemia (2018 e 2019), quando as aulas ainda foram presenciais, você já realizou aulas de campo com seus estudantes?

sim Não.

Se sim, informe onde a aula foi realizada e quais conteúdos/assuntos estavam sendo trabalhados por meio dela: Quando aprendemos sobre urbanização sempre gosto de realizar um passeio pela nossa cidade para que todos possam ver os resultados positivos e negativos desse crescimento.

3. Sob seu ponto de vista, quais as maiores adversidades à realização de aulas de campo na educação básica?

Falta de espaço físico

Falta de material

Falta de tempo

Dificuldade de desenvolver aula prática para alguns conteúdo

outros falte de apoio por parte do sistema

Nome: Professor 7

Instituição: Tito

1. As aulas de campo trazem algum benefício ao processo de ensino/aprendizado.

(X) Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo

Justificativa:

2. Nos últimos dois anos que antecederam a pandemia (2018 e 2019), quando as aulas ainda foram presenciais, você já realizou aulas de campo com seus estudantes?

(X) sim () Não.

Se sim, informe onde a aula foi realizada e quais conteúdos/assuntos estavam sendo trabalhados por meio dela: pátio da escola.

O CLIMA E O TRABALHO: O CLIMA E O TRABALHO E A UTILIZAÇÃO DA ÁGUA.

A ENERGIA: A UTILIZAÇÃO DAS FONTES DE ENERGIA

3. Sob seu ponto de vista, quais as maiores adversidades à realização de aulas de campo na educação básica?

(X) Falta de espaço físico

(x) Falta de material

() Falta de tempo

() Dificuldade de desenvolver aula prática para alguns conteúdo

() outros _____

Nome: Professor 8

Instituição: Boa Esperança

1. As aulas de campo trazem algum benefício ao processo de ensino/aprendizado.

(X) Concordo () Concordo Parcialmente () Discordo

Justificativa: _as aulas de campo promovem, além dos recursos visuais presentes, a vivência, a experimentação, termos que fazem parte do protagonismo estudantil.

2. Nos últimos dois anos que antecederam a pandemia (2018 e 2019), quando as aulas ainda foram presenciais, você já realizou aulas de campo com seus estudantes?

() sim (X) Não.

Se sim, informe onde a aula foi realizada e quais conteúdos/assuntos estavam sendo trabalhados por meio dela: _____

3. Sob seu ponto de vista, quais as maiores adversidades à realização de aulas de campo na educação básica?

() Falta de espaço físico

() Falta de material

(X) Falta de tempo

() Dificuldade de desenvolver aula prática para alguns conteúdo

(X) outros _A burocracia (termos de responsabilidades, ofícios, etc.) e Implementação de logística de qualidade (transporte, lanches, etc)_